



QUE HISTÓRIA É ESSA? UMA EXPOSIÇÃO MULTISSENSÓRIA PARA COMPREENDER NOSSAS SINGULARIDADES

Kauã Emanuel Valentim de Bastos Pereira

Escola Estadual Maria Lina de Jesus, E-mail: kaua.8990253@aluno.mg.gov.br

Priscila de Moura Siqueira

Escola Estadual Maria Lina de Jesus, E-mail: pris.siqueira2017@gmail.com

Herik Ribeiro Araújo

Escola Estadual Maria Lina de Jesus, E-mail: herik.araujo@educacao.mg.gov.br

Luciana Nori de Macedo

Universidade Federal de Itajubá, E-mail: d2023104538@unifei.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A proposta configura uma extensão do projeto de 2024, “Que história é essa? Desobediências epistêmicas em prol da luta decolonial”. Visamos responder como experiências multisensoriais podem contribuir para a sensibilização de diferentes públicos sobre particularidades da neurodiversidade e como devemos buscar a promoção de práticas mais inclusivas (Freire, 1996; Bourdieu, 1983). O projeto surge do desejo de refletir sobre inclusão e diversidade de forma vivencial, indo além dos discursos que muitas vezes ficam restritos à teoria. Em âmbito social, muitas pessoas neurodivergentes enfrentam situações de exclusão, desconforto e/ou invisibilidade, que raramente são compreendidas por quem é neurotípico (Mas, 2018).

Essa constatação nos inquietou e despertou a vontade de agir para buscar soluções. A ideia inicial surgiu em rodas de conversa, onde imaginamos um espaço no qual todos pudessem, ainda que por alguns minutos, experimentar os desafios enfrentados diariamente por pessoas neurodivergentes, o que nos levou a pensar na criação de uma exposição multisensorial itinerante.

Para colocar o projeto em prática, realizamos várias leituras e assistimos a vídeos e documentários sobre neurodiversidade, acessibilidade e inclusão. Também promovemos rodas de conversa, momentos de diálogo e escuta, donde registramos relatos de vivências e dificuldades relacionadas à inclusão, o que nos ajudou a definir quais experiências seriam representadas.

Para o planejamento, realizamos pesquisas sobre formas de fazer sentir, construindo uma sequência de propostas envolvendo sobrecargas, tarefas com instruções confusas, mudança repentina de foco e momentos de reflexão e escuta (Silva *et al.*, 2021). Buscamos trabalhar com a utilização de materiais simples e acessíveis, como caixas de papelão, fones de ouvido, papéis coloridos, estímulos sonoros, labirintos e registro físico. A ideia foi para garantir que a montagem pudesse ser replicada em diferentes espaços (Silva, 2017).

Constatamos que ainda prevalecem discursos reducionistas que dificultam a inclusão e a valorização das diferenças, para tanto, a mostra propõe vivências que mobilizam experiências táteis, sonoras, visuais e interativas, onde os visitantes são convidados a refletir sobre questões como comunicação alternativa, sobrecarga



sensorial, rotina, seletividade alimentar, estereotípias, ecolalias e outras manifestações comuns em pessoas autistas.



Ao percorrer esse caminho, busca-se promover não apenas a informação, mas também o afeto, o respeito às diferenças e a importância de práticas educativas e sociais verdadeiramente inclusivas. Dessa forma, a exposição multissensorial configura-se não apenas como produto pedagógico, mas como ação política e cultural, capaz de tensionar narrativas hegemônicas e afirmar o direito de cada indivíduo a ser quem se é, fortalecendo a construção de uma sociedade mais plural, justa e inclusiva.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada ancora-se na abordagem qualitativa e interpretativa, desenvolvida sob a perspectiva da pesquisa aplicada e explicativa, pois busca compreender aspectos e particularidades da neurodiversidade e, ao mesmo tempo, propor intervenções que possibilitem transformações concretas no ambiente escolar e em outros espaços sociais (Figueiredo; Almeida, 2019).

Nesse sentido, além da pesquisa bibliográfica, que deverá fornecer o respaldo teórico necessário, será utilizada a pesquisa-ação como eixo estruturante do processo investigativo (Freire, 1996). A escolha pela pesquisa-ação justifica-se pelo caráter prático e transformador da proposta, na medida em que articula produção de conhecimento e intervenção, estimulando o protagonismo juvenil e promovendo vivências que instiguem mudanças de percepção e de prática em relação à inclusão.

A pesquisa interpretativa se mostra pertinente por considerar os processos subjetivos de significação presentes nas experiências relatadas e vivenciadas. Já a dimensão aplicada e explicativa vincula-se ao objetivo de desenvolver soluções efetivas, replicáveis e fundamentadas em práticas inclusivas.

Desse modo, espera-se que o projeto contribua para ampliar a sensibilização social sobre a neurodiversidade, alinhando-se ao compromisso com os direitos humanos e à urgência de superar práticas que ainda mantêm sujeitos em situações de exclusão ou invisibilidade.

3. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A experiência tem oportunizado descobertas importantes, o exercício de “se colocar no lugar do outro” tem despertado sentimentos de empatia e respeito (Silva, 2017), percepção que ainda buscamos ampliar a medida que formos replicando a proposta com públicos diversos (Figueiredo; Almeida, 2019). Alguns profissionais da escola destacaram que a vivência certamente ajudará a rever práticas pedagógicas, desde a forma de aplicar provas até a organização física da sala de aula (Silva *et al.*, 2021). Este processo, ainda em fase inicial, tem possibilitado a expansão da percepção de que a inclusão não é apenas um tema escolar, mas um desafio social muito mais amplo (Freire, 1996), que precisa ser enfrentado coletivamente, para o qual esperamos poder contribuir de forma eficiente.

O maior aprendizado tem sido perceber que a inclusão só acontece quando sai do discurso e entra na prática. Percebemos que mesmo com materiais simples, é possível criar experiências significativas que toquem as pessoas (Silva, 2017). Também aprendemos que ouvir as vozes daqueles que vivem a neurodivergência é fundamental para construir ações realmente transformadoras (Mas, 2018).

Esta jornada nos ensina a cada nova experiência sobre a importância de agir coletivamente, de repensar estruturas escolares e sociais e de assumir que cada sujeito é singular (Bourdieu, 1983). É evidente que o processo também nos trouxe novas perguntas, o que movimenta nosso desejo de perpetrar cada vez mais na pesquisa



científica para intervir na realidade vivida, dentre os questionamentos, destacamos os desafios de replicar a experiência para mais pessoas e a busca pela inclusão e ampliação da representatividade de outras condições. Acreditamos que a divulgação científica seja um caminho, e mais do que respostas definitivas, levamos conosco a convicção de que a educação é um campo fértil para a transformação, e que trabalhando com projetos, imbuídos do nosso senso de responsabilidade social, seremos capazes de semear um futuro mais justo, sensível e plural.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1983.

FIGUEIREDO, H. ALMEIDA, M. Práticas pedagógicas inclusivas para alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Educação Especial**, v. 32, n. 1, p. 45-60, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MAS, N. A. **Transtorno do espectro autista: história da construção de um diagnóstico**. Dissertação, Instituto de Psicologia, USP, 2018, 103 f.

SILVA, C. Comunicação inclusiva e linguagem não capacitista. **Revista Linguagens**, v. 10, n. 2, p. 123-135, 2017.

SILVA, Luiz *et al.* Exposições multissensoriais e aprendizagem inclusiva: um estudo de caso. **Educação e Cultura**, v. 15, n. 3, p. 201-215, 2021.